



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA**

DIRCEU COSTA JUNIOR

**ESPORTES NA NATUREZA: A
Visão de Praticantes com
Deficiência Visual**

Campinas
2006

DIRCEU COSTA JUNIOR

**ESPORTES NA NATUREZA: A
Visão de Praticantes com
Deficiência Visual**

Monografia apresentada à Faculdade de Educação Física da Universidade Estadual de Campinas para conclusão do Curso de Especialização Atividade Motora Adaptada.

Orientador: Dr.^a Mey de Abreu van Munster
Co-Orientador: Dr. José Julio Gavião de Almeida

Campinas
2006

**FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA
BIBLIOTECA FEF - UNICAMP**

C823e Costa Junior, Dirceu..
Esportes na natureza: a visão de praticantes com deficiência visual / Dirceu Costa Junior. - Campinas, SP: [s.n], 2006.

Orientadora: Mey de Abreu van Munster.
Co-Orientador: José Julio Gavião de Almeida.
Trabalho de Conclusão de Curso (especialização) – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas.

1. Deficientes visuais. 2. Esportes. 3. Natureza. I. Munster, Mey de Abreu van. II. Almeida, Jose Julio Gavião de. III. Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação Física. IV. Título.

Dedicatória

Dedico este trabalho à memória da amiga Fátima.

Agradecimentos

À Deus;

Aos meus pais pela força que me deram, não só durante a vida acadêmica, mas durante toda a minha vida. Ambos, fonte de grande inspiração para meus estudos;

À minha namorada e companheira Lívia, que além de sacrificar-se para me ajudar a concluir mais esta etapa da minha vida, ainda me estimulava ao torcer pelo meu sucesso e tranquilizava-me nos momentos difíceis;

Aos colegas e professores do Curso de Especialização em Atividade Motora Adaptada da UNICAMP, companheiros dessa jornada acadêmica;

Aos amigos do GEPEAMA-DV, antigo GEAMA-DV. Professores, monitores, colaboradores e alunos participantes do projeto, que enriqueceram muito a minha aprendizagem e oportunizaram excelentes experiências;

Ao grande amigo Neno e aos amigos do CINDEP, que participaram e se mostraram totalmente receptivos durante a pesquisa e me forneceram dados interessantes para que eu pudesse realizar a discussão;

Aos amigos de São Carlos, que mesmo de longe puderam dar uma grande força. Em especial à Aninha e Beth (minhas "tatas") e ao Gui (Chinês), que trabalharam na área comigo e vieram pra Campinas prestigiar o evento que a turma organizou;

Aos colegas do "Sitião", que estão aguardando a conclusão deste trabalho para continuarmos nossas aventuras na natureza,

Aos colegas de trabalho, que me auxiliaram muito ao criarem um ótimo ambiente de trabalho, tomando prazerosa minha atuação profissional e conseqüentemente, meus estudos;

A todos meus parentes, que além de torcerem muito, ainda dirigiam-me confortantes palavras de incentivo;

Aos orientadores Mey e Gavião, que conseguiram a proeza de entender, organizar e direcionar o caos de idéias que é minha mente;

Ao Professor "Mestre" Artur José Squarisi de Carvalho, que além da possibilidade de participar e aprender muito durante seu trabalho de mestrado, ainda me auxiliou e aconselhou nesta pesquisa e se dispôs à participar da banca desta monografia, na tarefa de lapidação final deste trabalho;

E, finalmente, aos irmãos Thomaz, Marília e Élzhide (apesar de agora cada um estar em uma cidade diferente) e também aos "irmãos de consideração": Allan (Mongo), Daniel (Xuxa), Diogo (Pelé), Douglas (Boneco de Olinda), Fuia, James (Jama), Jão, Neto, Thiago (Ogro), Eliana (Tia Eli) e Valdemir (Vardeco) por me darem a tranquilidade de saber que **sempre** vão estar do meu lado quando eu precisar.

COSTA JUNIOR, Dirceu. **Esportes na Natureza: A visão de Praticantes com Deficiência Visual.** 2006. 32f. Monografia do Curso de Especialização Atividade Motora Adaptada-Faculdade de Educação Física. Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2006.

RESUMO

O crescimento da prática de esportes na natureza por pessoas que possuem alguma deficiência, foi o tema desta pesquisa, focada em pessoas com deficiência visual. Objetivou-se identificar e caracterizar essa população reunindo importantes informações para posteriores intervenções, com o enfoque direcionado em ouvir a opinião dos principais envolvidos na atividade. Para alcançar esses objetivos, foi realizada uma pesquisa exploratória junto a pessoas com deficiência visual que já haviam realizado alguma prática de esportes na natureza, com o levantamento desta amostra sendo realizado através da internet e indicações de profissionais da área. Como instrumento de coleta de dados foi utilizado a entrevista semi-estruturada. Foi realizada uma breve revisão literária almejando uma maior fundamentação teórica, dividida em duas partes: a primeira que discorre sobre as principais características dos Esportes na Natureza, e a segunda que trata sobre Pessoas com Deficiência, dando um maior direcionamento às pessoas com deficiência visual.

Palavras-Chaves: Deficiência Visual; Esportes na Natureza.

GLOSSÁRIO

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

FEF	Faculdade de Educação Física
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IBSA	<i>Internacional Blind Sports Federation</i>
IDEA	<i>Individuals with Disabilities Education Act</i>
OMS	Organização Mundial da Saúde
ONU	Organização das Nações Unidas
TV	Televisão
UFSCar	Universidade Federal de São Carlos
UNICAMP	Universidade Estadual de Campinas
UNICEF	Fundo das Nações Unidas para a Infância

SUMÁRIO

Introdução	01
Capítulo 1 – Esportes na Natureza	06
Capítulo 2 – Pessoas com Deficiência	14
Capítulo 3 – A Deficiência Visual	19
Discussão	22
Conclusão	28
Referências Bibliográficas	29
Apêndice 1	32

Introdução

Nos últimos anos é possível notar o aumento do número de praticantes de esportes em contato com a natureza. Um bom exemplo foi a primeira edição dos Jogos Mundiais da Natureza, que entre os dias 27 de setembro e 05 de outubro de 1997, reuniu aproximadamente 800 atletas de todo o mundo, no Paraná.

Spink (2001) aponta para um fenômeno expansivo, onde o "*crescimento vertiginoso, quase desenfreado*" dos jogos de vertigem inclui as emergentes novas formas de esportes de aventura. A autora ainda relata a aparição dos "*ralis humanos*", emergindo como novas modalidades de "*risco-aventura*" no final dos anos 80.

Esse significativo crescimento de pessoas que praticam esportes na natureza tem sido acompanhado pela mídia, através de revistas especializadas como Eoadventure, Universo Vertical, Air, Scuba, Aventura Já, Adventure, Aventura e Ação, etc. ou em programas de TV como Super Ação ESPN, Caminhos da Aventura no Esporte Espetacular, da Rede Globo, Zona de Impacto, Rolé, Profissão Aventura, entre outros, na SPORTV. Também através de sites especializados como Webventure, Geosfera, Aventure-se, entre outros.

Esse "*boom*" na procura de atividades físicas de aventura, segundo LaCruz e Perich (2005), acontece devido algumas causas como o desejo de fugir e romper com o cotidiano, tendo as atividades esportivas como válvula de escape; o contato com a natureza, sendo capaz de respirar ar puro e podendo reencontra-se consigo mesmo; a busca de sensações fortes; por à prova os limites pessoais; recorrer à espaços estranhos (e insólitos) e; ser capaz de enfrentar qualquer risco que a natureza apresente.

Simultaneamente, é notável o aumento do número de pessoas com deficiência, que estão praticando diversos esportes. É possível apresentar este crescimento através dos dados apresentados no site do Comitê Paraolímpico Brasileiro (<http://www.cpb.org.br/>):

Jogos Paraolímpicos		
Local-Ano	Roma-1960	Atenas-2004
Cerimônia de Abertura (Expectadores)	5.500	75.000
Países Participantes	23	123
Atletas	400	4000
Modalidades Disputadas	8	19

Fonte: Comitê Paraolímpico Brasileiro - <http://www.cpb.org.br>

Esse crescimento apresentado mostra apenas dados do aumento de pessoas com deficiência praticando esportes e na sua forma de manifestação de alto rendimento; sem a pretensão de fazer uma comparação das modalidades paraolímpicas com outras modalidades esportivas e praticadas por outras pessoas com deficiência e não necessariamente atletas, ou mesmo com as encontradas nos esportes na natureza, mesmo porque elas são diferentes, consideradas (em alguns momentos) modalidades antagonistas. Monteiro (2003), acredita que nas práticas corporais na natureza “*está em jogo muito mais uma relação de contrato, de negociação com os elementos da natureza, do que uma relação de domínio e controle*”, ele visualiza o corpo passando de “*energético*” para ser “*um campo de recepção e emissão de informação (...)*”.

Ao comparar as atividades na natureza com o esporte moderno institucionalizado, o autor também defende a idéia da relação diferenciada com a dimensão corpórea e com o ambiente natural. Além disso, afirma que “*no lugar da competição e da disputa (comum nas modalidades esportivas convencionais) entra o componente da solidariedade e da parceria com o outro*”.

(...) ao contrário de uma modalidade atlética, onde na grande maioria das vezes o praticante deve realizar um percurso previamente definido, num menor tempo possível, sob regulação minuciosa de seus movimentos, as vivências corporais esportivas tais como o surf, não admitem um percurso definido a priori, tratando-se, neste caso específico, de permanecer o maior tempo possível sobre a onda, próximo à espuma, de modo a ganhar velocidade e executar algumas manobras. Para isto, o praticante deve fazer-se um com o seu equipamento, deve estar sintonizado com a evolução da onda e do vento, deve estar atento às

demais pessoas que compartilham com ele aquele point da praia. Deve, enfim, estabelecer uma relação de sintonia consigo próprio, com os outros à sua volta, com o equipamento do qual se utiliza e com os demais elementos do mundo natural” (Monteiro, 2003. p. 102).

Tais fatos, o crescimento das atividades na natureza e o aumento dos praticantes de atividades esportivas com alguma deficiência, convergem para a busca e a prática de esportes na natureza por parte de pessoas com deficiência, o que consiste no tema dessa pesquisa.

Para ilustrar este novo fenômeno é apresentado o “Circuito Aventura”, anualmente realizado em Santo André, incluindo modalidades como o rapel, a tirolesa, a falsa baiana, parede de escalada, ponte de cordas, entre outros, que cresce a cada edição. Este evento tem o objetivo de incentivar a participação da *“pessoa com deficiência em atividades desafiadoras que proporcionem prazer, interação social, auto-superação e valorização da auto-estima”* e, almeja ainda promover *“uma reflexão por parte da sociedade de que as desvantagens podem ser superadas com conhecimento, criatividade e força de vontade”* e, ainda, *“que a comunidade passe a reconhecer a pessoa com deficiência como um cidadão participante e atuante na sociedade, além de possuir potencialidades a serem desenvolvidas”* (CARDOSO, 2003).

Dentro deste novo e extenso universo de práticas realizadas por pessoas com deficiência (montanhismo, surf, rafting, trekking, pára-quedismo, mergulho, entre outros), surgem algumas perguntas que inquietam e levam a alguns questionamentos, como por exemplo: *“Quem são essas pessoas?”*, *“Por que praticaram Esportes na Natureza?”* ou, ainda: *“Existem dificuldades na realização destas práticas?”*.

Com base na prática das modalidades de esportes na natureza, aferida pela experiência de vários profissionais e alguns aqui estudados, é possível afirmar que pessoas com deficiência podem participar de esportes na natureza, desde que existam profissionais competentes, que utilizem uma boa metodologia. Muitos profissionais esbarram no momento de obtenção de informações necessárias, visto a escassez de material (um dos objetivos deste trabalho).

Minha admiração pela natureza e a afinidade com esportes foram os responsáveis pela escolha dessa atividade como lazer. Mas o interesse científico pelo tema foi despertado no contato acadêmico durante a graduação, através da disciplina “Esportes em Integração na natureza”, ministrada em 2002 pela professora Dr.^a Mey de Abreu van Munster na UFSCar. A escolha da população ocorreu devido a minha atuação profissional em Educação Física para alunos com necessidades especiais na instituição “Paralelo¹” - São Carlos, pois possibilitou a percepção de que esta atividade poderia influenciar positivamente na formação dos alunos. Ao iniciar a presente pesquisa, na tentativa de elaborar uma proposta de intervenção, foi possível perceber a necessidade prévia de conhecer o ponto de vista dos praticantes. Concordando com a idéia de Ferreira e Rodrigues (1997), que afirmam que “(...) em certas ocasiões, peca-se por desconsiderar a vontade do mais interessado ou seja, a pessoa portadora de deficiência.”, pensou-se em ouvir, dos próprios envolvidos, os motivos que despertam o interesse pela prática de esportes na natureza. O contato com a pesquisa de dissertação de Carvalho (2005) na Unicamp e as participações nas atividades do grupo GEPEAMA – DV², também da Unicamp, foram essenciais para focar este estudo nas pessoas com deficiência visual.

Portanto, este estudo tem como objetivo geral identificar e caracterizar as pessoas com deficiência visual que já praticaram algum esporte na natureza. Como objetivos específicos destacam-se:

- ✓ Conhecer alguns dos motivos que levam as pessoas com deficiência visual a praticarem esportes na natureza;
- ✓ Diagnosticar as dificuldades envolvidas e como superá-las;
- ✓ Reunir algumas informações importantes para os profissionais com interesse nesta área;

¹Paralelo: Espaço de Aprendizagem (Instituição Educacional) para pessoas com alguma deficiência, situada em São Carlos-SP;

²GEPEAMA-DV: Grupo de Estudo e Pesquisa em Atividade Motora Adaptada – Deficiência Visual, da UNICAMP, Campinas-SP.

Pretende-se alcançar os objetivos anteriormente descritos, por meio de uma pesquisa exploratória realizada junto a pessoas com deficiência visual que já vivenciaram alguma prática de esportes na natureza. O levantamento da amostra será feito via Internet e mediante indicações de profissionais da área. Como instrumento de coleta de dados será utilizada a entrevista semi-estruturada, cujo roteiro visa o enfoque direto ou indireto dos temas do estudo; apresentando-se muito mais como um guia para dar rumo às entrevistas, o roteiro contempla (além de outras questões surgidas durante o diálogo) algumas perguntas básicas que podem ser observadas de acordo com o apêndice 1 deste trabalho. Será realizada a transcrição da entrevista para a análise de dados desta pesquisa que possui uma abordagem qualitativa. Preferiu-se a entrevista ao questionário devido algumas características apontadas por Thomas e Nelson (2002, p. 290) como a versatilidade da entrevista ao considerar a personalidade e a receptividade do entrevistado; ao observar como a pessoa responde, a possibilidade de *“compreender melhor a sensibilidade do tópico e a intensidade dos sentimentos do entrevistado”*; e, o fato de que as pessoas *“preferem falar à preencher um questionário”*.

A pesquisa foi estruturada em duas etapas:

Na primeira parte, realizou-se uma breve revisão literária, dividida em três capítulos buscando uma fundamentação teórica para uma maior compreensão das temáticas que baseiam este estudo. O primeiro capítulo versa sobre “Esportes na Natureza” e o segundo discorre sobre os principais aspectos relacionados às “Pessoas com Deficiência”, seguido do terceiro que enfatiza a “Pessoas com Deficiência Visual”.

No momento seguinte será realizada a coleta dos dados que serão analisados e discutidos na tentativa de responder as questões apontadas.

Capítulo 1 – Esportes na Natureza

“(...) nunca a natureza foi tão generosa com a beleza que nos proporciona em cada momento, desde as ondas do mar, as folhas ao vento que nos faz apreciar e manifestar nosso sentimento forte. São as raízes que se agarram para se fortalecerem pra que não percam esta luta e deixem as árvores crescerem”. Trecho da música “A Beleza da Natureza”, do grupo Raíces Rasta.

Betrán (1995) conta que foi em dezembro de 1985, durante o Primeiro Simpósio Internacional “*La Glisse*” - um encontro dedicado às novas práticas físicas que estavam acontecendo no meio natural - que estas passaram a ser conhecidas como “*Novos esportes*”, numa tentativa de diferenciá-las da concepção clássica de esporte, apresentando um caráter inovador, diferencial e alternativo. Esse conjunto de práticas recreativas aponta seu surgimento nos países desenvolvidos na década de 70.

Considerando tais esportes um “conjunto” de práticas, é difícil afirmar com precisão quando foi seu surgimento. Outras fontes indicam o surgimento de práticas isoladas, tais como o montanhismo em 1856, segundo o site “*Escalada Esportiva*”, ou, ainda, o mergulho, que tem início nos anos 40, com a criação da válvula reguladora do tanque de ar comprimido (GOULAY, 2001).

Outro aspecto que dificulta bastante na elaboração de um histórico é referente à nomenclatura, pois existem diversos nomes para estes esportes. Betrán (1995) apresenta, entre outros, **esporte de aventura**, com a presença de risco e incertezas, **esportes tecnoecológicos**, que significa uma simbiose entre tecnologia e natureza, **esportes em liberdade**, apresentando o mínimo de regras, a inexistência de entidades oficiais como as federações esportivas – permitindo amplas possibilidades de práticas no meio natural, **esportes californianos** (referindo-se à origem de algumas práticas), **esporte selvagem**, chamado assim devido ao ambiente natural, aberto e incerto e propõe a expressão **AFAN - atividades físicas de aventura na natureza** que é o conjunto de práticas que

aproveitam as energias livres da natureza para criar diversos níveis de risco controlado em que se baseia a aventura. Uvinha (2001, p. 21) chama de **esportes radicais** os esportes que “têm em comum o gosto pelo risco e pela aventura, muitos com a proposta de se engajar também em causas de preservação ecológica”. **Esportes na natureza** onde “o elemento mais interessante nessa relação não é o “radical”, mas sim a natureza, pela “experiência sensível” que proporciona àqueles que entram em contato com ela.” é o termo utilizado por Munster (2005, p.7)

Existem diversas outras formas de nomenclatura destas práticas, mas mesmo não sendo o objetivo do estudo deter-se na discussão terminológica, faz-se necessário a apresentação desta variedade, pois dependendo do nome utilizado, variam os esportes. Por exemplo o *skate* é uma modalidade considerada radical (UVINHA, 2001), mas nem sempre é um esporte na natureza, pois pode ser realizado fora do contato deste ambiente, como em pistas fechadas; o arvorismo é um esporte tecnoecológico, porque combina tecnologia e natureza, mas não é um esporte californiano, pois não surgiu na Califórnia e sim teve origem, segundo Christianini (2002), na França, Costa Rica e Nova Zelândia.

Algumas terminologias como, por exemplo, esportes “radicais” ou de “aventura” são termos muito utilizados pela mídia; mas se por um lado o *marketing* de utilizar o adjetivo “radical” objetivando expressar a idéia de “elevado” ou “perfeito” para atrair mais praticantes, por outro reforça a errônea imagem de “*esporte para poucos*” que são praticados em ambientes inacessíveis.

A definição escolhida para ser utilizada nesta pesquisa parecendo ser a mais adequada é Esporte na Natureza, compartilhando da idéia de Munster (2005, p.7) de que “*nos Esportes na Natureza, o que se busca é a essência de cada ser humano, a preservação da individualidade e o respeito às diferenças de cada um (...)*”.

Algumas características podem ser enfatizadas nos esportes na natureza, entre elas, destacam-se: o ambiente; as emoções e sensações e as relações sociais.

O ambiente é uma importante característica presente nessas modalidades. Parlebás *apud* Munster (2005) o descreve como “ambiente selvagem” este ambiente cheio de imprevistos e que demandam constantes ajustes na lógica interna do praticante, em busca do equilíbrio.

Ainda ao refletir sobre o ambiente, Spink (2001, p. 1284) apresenta o *Eco-Challenge Lifestyles*, um evento que associa a aventura com a ecologia, sendo a primeira edição realizada em 1992. Essa competição de resistência envolve diversas modalidades como montaria a cavalo, canoagem, escalada, caminhadas, etc... e valoriza o trabalho em equipe, o espírito de aventura e a compaixão, combinados com a consciência ecológica através do respeito à natureza e na “ação ambiental efetiva, apoiando iniciativas locais”.

Outro ponto importante sobre o ambiente é o stress, que Carvalho (2005) considera ser um dos principais motivos das pessoas buscarem lugares que permitem proporcionar diversão e relembrar da capacidade de sentir e lidar com emoções (prazer, medo e a sensação de liberdade) descritas pela maioria das pessoas quando praticam um esporte em contato com a natureza.

“Com a rotina estressante dos grandes centros urbanos, as pessoas se perdem de si mesmas, de suas origens, da natureza. Essa busca pelo bem estar, qualidade de vida, é que vem desencadeando esse processo, seja através do turismo de esportes radicais (rapel, rafting, etc) onde se extravasa toda aquela tenção, encara-se um desafio(...)”.
(CALHEIROS, 2003, p.1)

Nesses ambientes naturais onde ocorrem as práticas, outra questão relevante é sobre a Educação Ambiental, onde o praticante realizando atividades na natureza, passa a fazer parte dela. A atividade é praticada “com” a natureza e não “contra” ela (como sugerem alguns termos como “conquistar” uma montanha, “vencer” uma onda, “superar” uma corredeira, etc.). Este contato mais próximo do ambiente natural permite a aplicação do tema “Meio Ambiente”, que é um dos Temas Transversais sugeridos pelos PNC's (Brasil, 1998) e aborda a conscientização crítica em relação às questões ambientais e atitudes que envolvam a defesa do meio ambiente, discutido por Bianconi (2004), que afirma

ainda que é possível desenvolver este tema associado à prática. Como um dos objetivos gerais propostos para o tema "Meio Ambiente", destaca-se:

"(...) identificar-se como parte integrante da natureza e sentir-se afetivamente ligados a ela, percebendo os processos pessoais como elementos fundamentais para uma atuação criativa, responsável e respeitosa em relação ao meio ambiente (...)" (Brasil, 1998, p. 197).

A existência de diferentes emoções e sensações durante a prática, onde os imprevistos gerados pelo "meio selvagem" Parlebás *apud* Munster (2005), geram sensações de desafio e aventura, também é um fator significativo que caracteriza os esportes na natureza.

A "sensação de risco" (Betrán 1995), também descrito por Feixa (1995, p. 37) como *"(...) riscos provocados, artificiais, de certa forma imaginários (...)"*, permite experimentar esta sensação, sem que pra isso seja necessário correr algum tipo de risco real. Segundo Carvalho (2005), ao praticarmos atividades que envolvam este risco aparente, ocorrem reações fisiológicas que resultam na sensação de medo, e, permitindo ser vivenciada esta sensação sem um risco verdadeiro, é um dos motivos da procura pelos esportes na natureza. Fuster (1995) também afirma que muitos praticantes buscam emoções na natureza em contraposição à uma vida urbana onde a percepção do risco é quase inexistente. Com o mesmo pensamento Camacho (2005) defende a idéia de que as empresas especializadas nessas atividades mantém o risco como um dos principais produtos oferecidos.

Apenas com a ressalva da possibilidade da transferência também para o gênero masculino, concorda-se com LaCruz e Perich (2005) que indicam algumas emoções apresentadas por mulheres que praticam esportes na natureza: "distensión" (liberação das tensões); revitalização (recuperar as energias perdidas); "desrutinización" (sair da rotina); reencontro (exploração íntima com elas mesmas); identidade (afirmação da individualidade); intimidade (sentir o "eu"); privilégio (de desfrutar a natureza); vazio (encontrar um mundo a parte); reequilíbrio (perda e recuperação da harmonia); forma de vida (unificação da

natureza com suas vidas); necessidade (constante busca); autosatisfação (grande bem estar); recompensa ao esforço (satisfação de superação das dificuldades); solidariedade (interação entre o coletivo); medo (perigos reais e imaginários); risco (insegurança e incertezas); risco controlado (perigo controlado com domínio da situação); "desahogamiento" (sucessão de sensações tensão-relaxamento); serenidade (calma em situações extremas); motivação pela competição (não praticar por praticar); autossuperação (vencer obstáculos e dificuldades); esforço (consumo energético); e, concentração (centrar a atenção aos estímulos).

O meio natural permite também a sensação de vertigem e desequilíbrio, chamada por Caillois (1990) de elemento "lilix", que nada mais é que o rompimento por algum instante da estabilidade e da percepção da consciência.

As relações sociais existentes também apresentam notoriedade dentre as principais características dos esportes na natureza. Durante a prática de Esportes na Natureza, as situações vivenciadas fortalecem os laços de amizade (COSTA & CAVALCANTI *apud* MUNSTER 2005) e, ainda, "resgatam valores como o companheirismo e a solidariedade" (BEZERRA & CAVALCANTI *apud* MUNSTER 2004). Spink (2001, p. 9) atribuiu à esses esportes a "busca de novos espaços para o fortalecimento dos laços familiares".

"(...) ao contrário das modalidades convencionais, onde muitas provas são praticadas ou disputadas individualmente, grande parte das modalidades esportivas na natureza dependem da participação em duplas ou em grupo e, na maioria das vezes, privilegiam a parceria e as interações de cooperação (...)" (MUNSTER, 2005, p. 18).

Utilizando como exemplo um caso de escalada (montanhismo), Monteiro (2003) analisa a relação existente entre um guia (escalador que vai à frente) e o participante (escalador que segue o guia), relação esta que necessita "confiança, comunicação, incitação recíproca e entendimento mútuo", para não acontecer acidentes. Concordamos quando conclui afirmando que "Trata-se de cuidar de si e do outro na emoção de uma aventura compartilhada, onde os movimentos de troca do corpo com o ambiente são, a um só tempo, suaves e intensos." (p. 110)

Monteiro (2003) também chama a atenção ao dizer que a forma de sociabilidade exercitada nos esportes na natureza é bastante intensa (independente da quantidade de pessoas que as modalidades envolvem) e também ao sugerir que o envolvimento com essas atividades favorece uma “*forma diferenciada de relação do sujeito com o próprio corpo e com a natureza*”. (p. 132)

Essas práticas ressaltam também os avanços tecnológicos, principalmente com relação aos equipamentos de segurança utilizados, que apresentam uma grande e rápida evolução, tornando-se melhores (mais leves, mais resistentes, mais práticos, mais seguros, etc) e mais acessíveis (menores custos devido à novas tecnologias e aumento de produção). Elucidando estes progressos tecnológicos, pode ser visualizada a *Whitbread Ocean Race* (regatas de volta ao mundo), que teve início em 1973 e hoje mobiliza alta tecnologia e recursos sofisticados, “*sem deixar de apelar para a emoção dos riscos inerentes ao enfrentamento dos oceanos*”. (SPINK, 2001, p.8).

Outro benefício expressivamente importante é que o avanço da tecnologia tem permitido criar atividades de aventura na natureza para grupos heterogêneos, democratizando a sua prática, de modo que diversos grupos de diferentes idades, classes sociais ou capacidades físicas e mentais têm a possibilidade de participar dessas aventuras. (CAMACHO, 2005)

Em 1985, Betrán, propondo uma classificação taxonômica das AFAN's, dividiu os esportes na natureza levando em consideração a sua interação com os elementos da natureza: (aéreo, terrestre, aquático) e observando outros critérios que definem essas atividades como: plano, dimensão emocional, recursos biotecnológicos, impacto ecológico, entre outras.

Dentre algumas contribuições dos esportes na natureza para a vida das pessoas com deficiência visual, apresentadas por Munster (2005), podemos destacar:

- ✓ Benefícios relacionados ao aspecto motor (melhor preparo físico, maior resistência, maior capacidade de equilíbrio, melhoria da capacidade de

locomoção e orientação espacial, benefícios nos aspectos relativos à coordenação motora, velocidade, agilidade);

- ✓ Mudanças nos aspectos psico-emocionais (melhor disposição, diminuição da ansiedade e maior autocontrole, desenvolvimento da confiança em si mesmo e nos outros, aumento na auto-estima e na auto-segurança, produção de autoconhecimento, auto-aceitação, sentimento de independência e a conquista de autonomia);
- ✓ Importância da aproximação com o meio natural e a oportunidade de refletir sobre a preservação da natureza;
- ✓ Sensações provenientes do contato com a natureza: as impressões táteis (contato prazeroso do corpo com vários elementos da natureza, sensações térmicas), auditivas (barulho da água dos rios, corredeiras e cachoeiras, o canto dos pássaros, o eco da caverna entre outros sons típicos da natureza), olfativas (cheiro da mata, o perfume das flores e a sensação de respirar ar puro) e cinestésicas (prazer de perceber a movimentação de seu próprio corpo sob a água durante o mergulho, ou no embalo do bote de borracha sobre as corredeiras).
- ✓ Alterações inter e intrapessoais (disposição para enfrentar as adversidades da vida, consciência do próprio potencial, superando as dificuldades e limitações pessoais).

"A aproximação, o sentimento de união com as pessoas e o reconhecimento social, aumentando a força interior. A crença em si mesmo cria novas esperanças e o desejo de seguir em frente, com capacidade de realizar, reivindicar e transformar a realidade da vida, colorindo-a com uma tonalidade diferente." (Munster, 2005 p.247)

Apresentando diversos benefícios e podendo ser acessível à “todos”, muitas pessoas com deficiência começaram a praticar esportes na natureza, despertando o interesse científico, que pode ser comprovado através de recentes estudos desenvolvidos por Munster (2005) e Carvalho (2005).

Capítulo 2 – Pessoas com Deficiência

“Somos diferentes, mas não queremos ser transformados em desiguais. As nossas vidas só precisam ser acrescidas de recursos especiais”.
Pessoas com deficiência na peça “Vozes da Consciência” – Belo Horizonte – MG.

Segundo o Censo Demográfico realizado pelo IBGE em 2000, existem hoje no Brasil aproximadamente 24,5 milhões de pessoas com algum tipo de deficiência, totalizando aproximadamente 14% da população brasileira. Essa incidência supera os dados apresentados pela ONU, OMS e UNICEF que apontam que 10% da população mundial possui alguma deficiência, conforme Sasaki (1998).

Peranzoni e Freitas (2000) contam que na Idade Antiga as pessoas com deficiência eram eliminadas por serem consideradas como uma ofensa ao povo, “gastos” para governos, ameaça à continuidade da espécie, “peso” para a família, além de alguns comportamentos diferentes (principalmente de pessoas com deficiências mentais) serem atribuídos à forças sobrenaturais (com origem demoníacas). No século XVIII, com o desenvolvimento da ciência, as pessoas com deficiência passam a ser vistas como objeto e clientela de estudo de áreas médicas, continuando com a discriminação social, mas tendo início ao atendimento das suas necessidades básicas de saúde. Essas pessoas eram enviadas para asilos e hospitais (junto com prostitutas, loucos e delinquentes), para oferecer tratamento médico e aliviar a sobrecarga da família e da sociedade.

Seguindo, os autores descrevem que com a Revolução Industrial (período de processo de transformações econômicas e sociais), o capitalismo e a produção em série começam a exigir a escolarização em massa de seus trabalhadores. É quando surgem aqueles que não conseguiam aprender conforme as normas escolares instituídas, os “menos eficiente” ou “deficientes”. Até o início do século XIX, a deficiência continuou associada à incapacidade, inutilidade e dependência. Apenas no final do século XIX (início do século XX) é que se criaram instituições

para os deficientes mentais moderados e profundos, surgindo como um asilo para que eles "incomodassem" o menos possível.

É possível perceber que durante toda a história, os deficientes tiveram tipos de tratamento diferenciado. Devido à essas diferenças, a nomenclatura também sofreu diversas alterações. Sasaki (2003) mostra que até o século 20 as pessoas com deficiência eram consideradas inúteis e chamadas de **Inválidos**. Em um momento posterior, até aproximadamente 1960, a sociedade começou a reconhecer que existiam resíduos de capacidades, embora acreditavam que a deficiência abrangia todos os aspectos das pessoas (físico, psicológico, social, profissional, entre outros). Eram considerados "**Incapacitados**" e "**Incapazes**". Nos 20 anos seguintes, ao serem tratados como "**Defeituosos**" e "**Deficientes**", tinham o foco na deficiência, mas não era reforçado o que as pessoas não conseguiam fazer como a maioria. Concomitantemente, o termo "**Excepcionais**" (usado na mesma época) passou a referir-se também aos superdotados.

O autor continua, apresentando o termo "**Pessoas Deficientes**", que aparece entre os anos de 1981 até aproximadamente 1987, que considerava aqueles que tinham deficiência como "pessoas", igualando seus direitos e sua dignidade às outras pessoas. Do ano seguinte até aproximadamente 1993, o conceito de "**Pessoas Portadoras de Deficiência**" era o mais utilizado, objetivando tornar a deficiência como um detalhe da pessoa.

"**Pessoas com Necessidades Especiais**" e "**Portadores de Necessidades Especiais**", desde 1990 até hoje são utilizados, não só para pessoas com deficiência, mas também para pessoas com qualquer "necessidade especial". **Pessoas Especiais** também aparece com a mesma idéia de que "especial" é uma qualidade que pode ser aplicada a qualquer pessoa. Na mesma época começa-se à utilizar a terminologia "**Pessoas com Deficiência**", que adiciona valores às pessoas com deficiência como o do empoderamento (utilização da capacidade pessoal de fazer escolhas, tomar decisões e assumir o controle da situação de cada um) e o da responsabilidade de colaborar com suas habilidades para incluir na sociedade todas as pessoas, com ou sem deficiência. (SASSAKI, 2003).

Baseado na definição da Organização Mundial da Saúde (OMS), Lima (2001, p. 125) fala que deficiência é *"toda perda ou anormalidade de uma estrutura ou função psicológica, fisiológica ou anatômica que gere incapacidade para o desempenho de atividades, dentro do padrão considerado normal para o ser humano"*. Seguindo a mesma idéia, Maselli (1997) apud Bridi Filho (2005) prefere dizer que *"a deficiência corresponde a qualquer anomalia e modificação fisiológica, anatômica ou que impede o funcionamento normal do organismo"*. A deficiência pode ser:

- ✓ Deficiência Mental – definida pela American Association on Mental Retardation (AAMR) como aquela que *"(...) refere-se a um estado de funcionamento atípico no seio da comunidade, manifestando-se logo na infância, em que as limitações do funcionamento intelectual (inteligência) coexistem com as limitações no comportamento adaptativo (...)"* (CORREIA, 1997, p. 54). Outra definição muito utilizada no Brasil é a do Decreto nº 3289/99 da Legislação Federal, ao enunciar que deficiente mental é aquele que tem *"(...) funcionamento intelectual significativamente inferior à média, com manifestação antes dos dezoito anos e limitações associadas a duas ou mais áreas de habilidades adaptativas, tais como: a) comunicação; b) cuidado pessoal; c) habilidades sociais; d) utilização da comunidade; e) saúde e segurança; f) habilidades acadêmicas; g) lazer; e h) trabalho."* (LIMA, 2001; p. 196). Na mesma linha de raciocínio, Silva apud do Carmo (1991, p. 13) define *"(...) como sendo pessoas deficientes todas aquelas que estão abaixo dos padrões estabelecidos pela sociedade como 'normalidade', por motivos físicos, sensoriais, orgânicos ou mentais, e em consequência dos quais vêem-se impedidos de viver plenamente(...)"*
- ✓ Deficiência Auditiva – *"perda auditiva tão severa que torna o aluno incapaz de processar a linguagem por meio da audição, com ou sem uso de um dispositivo de amplificação. A perda deve ser severa a ponto*

de prejudicar o desempenho educacional do aluno.” (IDEA in WINNICK, 2004 p. 195). “A surdez pode ser entendida como a perda total ou parcial da capacidade de condução e identificação das ondas sonoras.” (LIMA, 2003, p. 2). Fleming apud Lima (2003, p. 2) completa: “perda parcial ou total da habilidade de ouvir sons em várias intensidades, passando a incluir as habilidades perceptivas e interpretativas do indivíduo na comunicação”

- ✓ Deficiência Física – “(...) se refere à perda ou redução da capacidade motora. Um procedimento comum, embora equivocado, é referir-se às pessoas portadoras de deficiência em geral como ‘deficientes’, desconsiderando-se as áreas sensoriais e mental. A deficiência física engloba vários tipos de limitação motora. Os principais são paraplegia tetraplegia, hemiplegia, amputação e paralisia cerebral.” (CANZIANI, 1992)
- ✓ Deficiência Visual - Sendo a Deficiência Visual o tipo de deficiência de maior relevância para este estudo, será apresentada na seqüência em um capítulo específico (cap. 3).
- ✓ Deficiências Múltiplas – Associação de duas ou mais deficiências. (CANZIANI, 1992).

Alguns autores classificam as deficiências de outras formas, como, por exemplo, VÁSQUEZ (2005) que divide em deficiência física, cognitiva e sensorial, esta última sendo subdividida em sensorial auditiva e sensorial visual. Neste estudo utilizaremos o termo deficiência visual.

Compartilhando da idéia dos professores Ferreira e Rodrigues (1997), sobre importância de dar voz aos deficientes, para que também tenham “o direito de participar da construção de suas vidas”, considera-se relevante conhecer as

reivindicações deles, sem subestimá-los na sua capacidade de entendimento e as suas vontades.

"Tanto a sociedade deve estar preparada para receber o portador de deficiência, como este pra ser nela inserido. Para tal, deveremos também ouvi-lo." (FERREIRA, 1997).

Capítulo 3 – A Deficiência Visual

"O que os olhos não vêem, o corpo e o coração sentem". Joana Belarmino – Associação Paraibana de Cegos – Apace.

A definição de deficiência visual varia bastante, principalmente de acordo com a área que a classifica, como a médica, a escolar e a esportiva. Seguindo o caráter educacional, a definição mais utilizada é a "deficiência visual, incluindo a cegueira, designa um comprometimento de visão que, mesmo quando corrigido, prejudica o desempenho educacional da criança. O termo engloba tanto a baixa visão como a cegueira.", atribuída pela IDEA - Individuals with Disabilities Education Act, de acordo com Winnick (2004, p. 183). Outra definição que é utilizada e possui característica legal é a da X Conferência Internacional de Classificação de Deficiências (1993) onde a cegueira é definida como acuidade visual inferior a 3/60, ou campo visual baixo no melhor olho de correção; a baixa visão corresponde a acuidade visual entre 3/18 e 6/60 no melhor olho e com a melhor correção (OMS, 2001), segundo Winckler (2003, p. 23).

Utilizando um enfoque educacional, uma outra definição com utilização significativa, fala que a "baixa visão é a alteração da capacidade funcional da visão, decorrente de inúmeros fatores isolados ou associados tais como: baixa acuidade visual significativa, redução importante do campo visual, alterações corticais e/ou de sensibilidade aos contrastes que interferem ou limitam o desempenho visual do indivíduo. A perda da função visual pode ser em nível severo, moderado ou leve, podendo ser influenciada também por fatores ambientais inadequados. Cegueira é a perda total da visão até a ausência de projeção de luz. (BRUNO, 2001, p. 33)".

Referindo-se aos esportes adaptados, existe a divisão em 3 grupos: B1, que inclui as pessoas que não tem percepção luminosa até aquelas que percebem um vulto à frente, mas não reconhece e distingue sua forma; o B2, que são aquelas pessoas que conseguem reconhecer o formato de uma mão até a acuidade visual de 2/60 (pés) e/ou campo visual menor que 5 graus; e o B3 que é

o grupo formado por quem apresenta acuidade visual no intervalo de 2/60 e 6/60 (metros), ou campo visual entre 5 e 20 graus, segundo *Internacional Blind Sports Federation* - IBSA (2000) citado por Winckler (2003, p. 23).

Dentre diversas classificações e definições existentes, a escolha da definição com caráter educacional de acordo com Bruno (2001) apresentou-se como a mais adequada à este estudo principalmente devido à sua objetividade. A classificação quanto ao esporte parece ser errônea para este tipo de atividade, pois como lembra Winckler (2003, p.27), nessas práticas não há uma situação de competição.

Sem a intenção de generalizar, é possível a percepção de algumas características peculiares, que aparecem com maior frequência em pessoas com deficiência visual, comparando com as pessoas que não pertencem à este grupo. Notam-se características afetivas e sociais como maneirismos ou auto-estimulação (movimentos repetitivos como balançar o corpo ou introduzir os dedos nos olhos), além do medo e da dependência gerados por uma superproteção, que diminui o "(...) número de oportunidades para tais alunos explorarem o ambiente com liberdade, o que pode causar atrasos no desenvolvimento perceptivo, motor e cognitivo" WINNICK (2004 p. 184).

Ainda é possível observar algumas características físicas e motoras como os atrasos motores, facilitados principalmente pela superproteção, pelo medo, pela insegurança e pela falta de visão, que os priva de estímulos que motivam o movimento e da observação do movimento de outras pessoas. Os desvios de postura, que sobressaem nas pessoas com baixa visão, pois ficam com a cabeça em posição diferente para maximizar a visão, e nas pessoas cegas de nascença, que nunca viram como os outros se portam e se movimentam, também são características deste grupo apresentadas por Winnick (2004 p. 186).

O mesmo autor mostra que a imagem corporal e o equilíbrio são menos desenvolvidos, provavelmente devido às poucas oportunidades de realização de atividade física, e, o equilíbrio ainda pode ser mais prejudicado por não haver a possibilidade da visualização de um ponto de referência que ajuda na estabilidade. Apresenta também a existência de uma diferenciação da marcha, com os passos

curtos e lentos juntamente com pés arrastados; e descreve que é comum haver níveis de condicionamento físico inferiores do que as pessoas que enxergam, provavelmente causado pela falta de oportunidades de treinamentos.

A responsabilidade de promover experiências motoras, estímulos e motivação aos alunos com deficiência visual na tentativa de evitar qualquer atraso no desenvolvimento motor é do professor de Educação Física. WINNICK (2004 p.186).

“A Educação Física não apenas pode, como deve apresentar a estas pessoas, o significado de cada movimento, os músculos e articulações trabalhados e toda a beleza contida em cada gesto e em cada passo dado. Devemos mostrar-lhes que seus corpos presentes no mundo são sensíveis e inteligentes, sendo estes capazes de sobreviverem a todas as dificuldades e preconceitos impostos por uma sociedade que ainda não “enxerga” suas potencialidades.” CARVALHO (2005, p.8)

Carvalho (2005, p.8) também diz que o *“(...) deficiente visual mais do que qualquer indivíduo compreende o mundo ao seu redor através de seu corpo (...)”* e que com planejamento adequado, realizando os ajustes e estimulação necessários, é possível criar uma metodologia *“(...) para que as pessoas cegas e com baixa visão possam participar ativamente das aulas de Educação Física e de outras práticas possíveis como os esportes na natureza.”*

Discussão

A entrevista foi composta, além dos dados pessoais (nome, idade, profissão e nível de deficiência), por seis (06) questões abertas, apresentadas no Apêndice I. Com o consentimento prévio dos participantes, as entrevistas foram registradas através de gravação, tendo sido posteriormente transcritas na íntegra.

Dentre a amostra selecionada de sete (7) participantes, a entrevista foi aplicada a cinco (5) pessoas, atentando-se para o fato apontado por Thomas e Nelson (2002, p. 289) de que *“se algum dos sujeitos escolhidos recusa-se a ser entrevistado, o pesquisador deve considerar a possibilidade dos resultados apresentarem distorções”*. Portanto, a entrevista será analisada conforme seus objetivos, mas com esta ressalva de confiabilidade.

Inicialmente as respostas das questões serão analisadas e discutidas isoladamente, para posteriormente serem analisadas conjuntamente e interpretadas na totalidade. Algumas questões aparecem como um simples levantamento diagnóstico, enquanto outras possibilitam uma reflexão um pouco mais aprofundada.

As pessoas entrevistadas serão identificadas pela letra “P” (pessoa) seguida por um número diferenciador:

- P1, 45 anos, professor e dirigente esportivo - cegueira;
- P2, 16 anos, estudante e “*guardinha*” - cegueira;
- P3, 51 anos, telefonista - cegueira;
- P4, 20 anos, “*guardinha*” aprendiz - baixa visão;
- P5, 24 anos, atleta - baixa visão.

A questão 01 visa apenas apresentar quais são as modalidades de esportes na natureza praticadas. Aparecem: canionismo (3), espeleologia (2), escalada (2), rafting (3), rapel (3), arvorismo (2) e mergulho (2). Todos eles sendo “terrestres” ou “aquáticos” segundo classificação de Betrán (1995b). O não aparecimento de modalidades “aéreas”, possivelmente se deve ao elevado custo em comparação com as outras modalidades. Interessante também a aparição do rapel como um esporte, visto que é considerado uma técnica vertical “pelo qual se executa as descidas pela corda”, segundo Silva [199_?] (p. 13).

A questão **02** busca saber qual foi o período da prática e os motivos que levaram o entrevistado a praticar. Um dos entrevistados começou a prática aproximadamente a oito (08) anos, o que nos direciona ao final dos anos 90, época do surgimento do esporte no Brasil (discutido na introdução deste trabalho). O interesse surgiu por causa da “*novidade*” apresentada por uma professora da UNICAMP, que propôs a participação de esportes na natureza para o grupo que já participava de condicionamento esportivo. É possível a percepção do caráter inovador, diferencial e alternativo, conforme apresenta Betrán (1995a, p.05). Os outros foram incentivados por pessoas com deficiência que já tinham praticado algum esporte na natureza, mostrando alguns benefícios como segurança, equilíbrio e coordenação motora (1) ou simplesmente pelo prazer proporcionado pela atividade. Outro dado relevante apresentado diz respeito à apresentação das modalidades de esportes na natureza através de uma instituição de ensino (5), como defende BIANCONI (2004).

A questão **03** tenta observar os benefícios encontrados na prática. Foram apontados os aspectos físicos (2), o “*corpo em ação*” e ter um estímulo para isso. Também foi apontado o prazer do contato com a natureza (1), como descrito no Capítulo 1 da Introdução deste trabalho. Outras características como o caráter “*anti-stress*” do ambiente (1), apresentado por Carvalho (2005). O desafio como fonte de coragem e confiança (3) pode ser observado através deste trecho da entrevista:

“... vejo como um desafio, um desafio gostoso de ser enfrentado, porque as nossas atividades de lazer, elas não são, na minha opinião, dissociadas no nosso dia a dia; então eu acho que no enfrentamento de algumas situações, elas deram mais confiança, mais coragem pra enfrentar coisas do dia a dia como deficiente visual...”. Trecho da entrevista do P1.

Outro benefício lembrado foi a melhora na locomoção e mobilidade (2), devido aos obstáculos transpostos e que podem ser transferidos para a vida cotidiana. Características como equilíbrio (2), segurança (1), coordenação motora (1), o prazer da atividade física (2), a utilização dos sentidos (1) e a prática por

lazer (1) também foram lembrados nesta questão. As relações sociais apresentadas durante as práticas na natureza, também foram mencionadas, como o prazer da companhia de amigos, de “*peessoas que gosta*” e a integração.

Esses dados obtidos, vão ao encontro do que Monteiro sustenta em 2003:

“... o envolvimento com estas práticas coletivas de lazer e aventura na natureza podem, em algumas situações, ser entendidas como experiências existenciais férteis para o exercício de uma relação renovada do sujeito consigo mesmo, com o outro e com a natureza.” (p. 135).

Na questão **04**, procura-se saber se existem dificuldades e, se existem, como elas podem ser superadas. Um dos entrevistados atribui as dificuldades existentes à imprevisibilidade do meio, que segundo Parlebás apud Munster (2005) é conhecido como “meio selvagem”. Outra dificuldade explicitada pela pessoa é a expectativa pelo inesperado, que acaba gerando uma certa ansiedade. E, a confiança no guia, numa relação que Monteiro (2003, p.110) chama de “*uma aventura compartilhada*”, pode trazer grandes dificuldades (2), caso inexista.

O medo apareceu como dificuldade para um dos entrevistados e a dificuldade inicial com os equipamentos (como a cadeirinha) foi o grande problema de outro entrevistado. Houve também um dos entrevistados que afirmou não sentir dificuldade nenhuma para realizar as atividades.

Uma informação relevante que foi apresentada nesta questão é que as principais dificuldades são as individuais, ou seja, específicas para cada aluno, devido suas características próprias. Exemplificada por um exemplo específico, onde a insegurança na realização de movimentos rápidos e com giros é a dificuldade destacada por um dos entrevistados, mas não pe generalizado aos outros participantes da pesquisa. Na opinião de um dos entrevistados as dificuldades apresentadas, praticamente existem para todas as pessoas que praticam esse esporte, não sendo exclusividade de uma ou outra deficiência; e, quanto às dificuldades específicas, cada pessoa pode ter uma dificuldade, independente de ter ou não alguma deficiência, da mesma forma que não pode

ser generalizada para todos os deficientes visuais a dificuldade apresentada por esta pessoa.

Na questão seguinte, a **05**, o objetivo é descobrir se são necessárias adaptações para a realização das práticas e, se forem, identificá-las. Em duas entrevistas foi considerado não ser necessário nenhum tipo de adaptação. As adaptações materiais apresentadas foram: proteção de rosto (1), capacete (1), o uso do “bastão condutor” (2) em terrenos irregulares. A descrição das situações e dos ambientes, a demonstração corporal e os sinais sonoros, que são feitos por um “acompanhante” (1), além da confiança que tem que haver na pessoa “ao lado” (2), são itens que se enquadram em adaptações metodológicas.

“(...) a adaptação mesmo é a confiança que a gente pega na pessoa que tá com a gente (...)”. Trecho da entrevista com P3.

Na última questão, a de número **06**, a intenção é saber a frequência da prática e as opiniões relevantes à essa frequência. Em todos os casos, a preparação para a realização das atividades feitas antes da prática foi satisfatória, e, a frequência das vivências das atividades na natureza, que foram uma ou duas vezes, foi considerada satisfatória para duas pessoas entrevistadas e “pouco” para as outras três.

Um ponto destacado nesta questão por uma das pessoas entrevistadas foi que essas vivências e o aumento do repertório motor deu confiança e segurança para fazer algumas atividades, como por exemplo, esporádicas viagens à praia, ou à montanha e até reivindicar atendimentos e aulas.

“... isso me deu também, como eu falei no início, mais confiança pra, por exemplo, ir pra uma academia, então eu comecei a fazer musculação, coisa que antigamente eu tinha muita dificuldade, assim, de chegar num lugar que só tinha eu de pessoa cega e pedir, por exemplo, pra participar de uma aula de musculação ou uma aula de natação num clube ou numa academia...”. Trecho da entrevista do P1.

A insatisfatória frequência da prática pode ser observada em frases como “eu gostaria de praticar mais” ou “quando a coisa é boa você quer ir várias vezes”,

em que todas as cinco pessoas gostariam de praticar mais vezes todos os esportes já praticados, com exceção de uma pessoa que afirma querer fazer todas as modalidades que já vivenciou, menos o rapel onde ela se machucou.

Um dos entrevistados mostra que esse gosto pela prática de Esportes na Natureza, vem sendo justificado por ser um contraponto com trabalho e com o cotidiano (como já discutido em capítulos anteriores) e também de ser um meio de conhecer pessoas, de trocar experiências e viajar para outros lugares. Continua ao apresentar um aumento nas possibilidades de lazer e a apresentação de possibilidades de turismo ao viajar, antes desconhecidas por ele.

Após a realização das seis (06) questões, foi disponibilizado um espaço para falar livremente sobre o trabalho. A maioria (3) mostrou o desejo de realizar essas atividades mais vezes e em um dos casos foi citado que só depende da oportunidade. Uma pessoa que participou da pesquisa, mostrou a intenção de tornar estas atividades mais democráticas, pois gostaria de estender os benefícios recebidos aos outros. Sugeriu também a organização de um movimento de reivindicação da participação no lazer para os deficientes, e, apesar das dificuldades dos custos, sugeriu um maior envolvimento de profissionais, patrocinadores e da mídia, tomando *“uma prática mais rotineira, dentro da vida social e a vida das pessoas com deficiência”*.

Essa democratização da prática também é uma das intenções da ONU, segundo o Programa de Ação Mundial para as Pessoas Deficientes, aprovado em 1982, cuja parte do texto aspira:

“Para se alcançar os objetivos de “igualdade” e “participação plena”, não bastam medidas de reabilitação voltadas para o indivíduo portador de deficiência. A experiência tem demonstrado que, em grande medida, é o meio que determina o efeito de uma deficiência ou de uma incapacidade sobre a vida cotidiana da pessoa. A pessoa vê-se relegada à invalidez quando lhe são negadas as oportunidades de que dispõe, em geral, a comunidade, e que são necessárias aos aspectos fundamentais da vida, inclusive a vida familiar, a educação, o trabalho, a habitação, a segurança econômica e pessoal, a participação em grupos sociais e políticos, as atividades religiosas, os relacionamentos afetivos e sexuais, o acesso às instalações

públicas, a liberdade de movimentação e o estilo geral da vida diária.”

As duas primeiras questões estavam identificando as modalidades e o motivo das práticas, as duas seguintes estavam relacionadas à caracterização das modalidades, enquanto a penúltima se referia às adaptações e a sexta sobre a frequência da prática. Ao final, durante o espaço reservado para comentários livre sobre a pesquisa, a maioria manifestou o interesse em realizar as práticas novamente.

CONCLUSÃO

Nesse contato com os entrevistados, foi possível começar a caracterizar essa população. São jovens e adultos, alfabetizados e não aparentam possuir a imagem deturpada da deficiência como uma impotência ou incapacidade.

Na tentativa de tentar responder o “por que” da prática de esportes na natureza, podemos ver alguns dos benefícios apontados e explicados durante o capítulo introdutório. Características como o prazer do contato com a natureza, a “fuga” do *stress* e as relações sociais existentes nas práticas, fizeram parte da entrevista. O fato de todos os participantes da pesquisa estarem ligados à uma instituição educacional, onde foram apresentados à essas práticas, requer certa observação e talvez um estudo mais direcionado.

Quanto as dificuldades na realização da prática, é visível que as preocupações não são diferentes das enfrentadas por qualquer pessoa, com ou sem deficiência, como por exemplo, o custo elevado ou a imprevisibilidade do meio; podendo todas elas serem superadas.

Outra dificuldade apontada, diz respeito à confiança no “*guia*” e, que ao mesmo tempo passa a ser a adaptação mais comentada por eles e considerada a mais importante.

Um item que poderia ter sido mais bem aproveitado na pesquisa foi em relação ao “porque” da não continuidade da prática. Aparentemente seria melhor se houvesse uma questão separada para obter esta resposta, do que ter este “porque” inserido na continuidade da sexta questão, conforme foi utilizado.

Claramente pode ser notada a importância de ouvir os principais envolvidos, no caso, atletas com alguma deficiência, para se conhecer suas dificuldades e poder ajudá-los, como também seus êxitos e aprendemos com eles.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- A História do Montanhismo.** Disponível em: <<http://www.escaladaesportiva.com/montanhismo.htm>>. Acessado em: 04 de março de 2005.
- BETRÁN, Javier Oliveira. **Las Actividades Físicas de Aventura en la naturaleza: Análisis Sociocultural.** Apunts: Educación física y deportes p. 5-9. Barcelona: 1995(a).
- BETRÁN, Javier Oliveira. **Propuesta de clasificación taxonómica de las actividades físicas de aventura en la naturaleza. Marco conceptual y análisis de los criterios elegidos.** Apunts: Educación física y deportes p.108-123. Barcelona: 1995(b).
- BIANCONI, Ana Cláudia. **As atividades físicas de aventura na natureza na educação física escolar.** Monografia de Licenciatura, UFSCar. São Carlos: 2004.
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos: apresentação dos temas transversais /** Secretaria de Educação Fundamental. Brasília, MEC/SEF, 1998.
- BRIDI FILHO, César Augusto. **Deficiência, Handicap e alguns demônios da Inclusão.** Disponível em: <<http://www.ufsm.br/ce/revista/>>. Acessado em: 02 de abril de 2005.
- BRUNO, Marilda Moraes Garcia & DA MOTA, Maria Glória Batista. **Programa de Capacitação de Recursos Humanos do Ensino Fundamental: Deficiência Visual.** Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial, 2001.
- CAILLOIS, R. **Os jogos e os homens,** 1990.
- CALHEIROS, Gabriela, BINFARÉ, Paula Wabner. *Turismo Ecológico: Potencialidades e a sua atual Exploração.* In: **Anais da 1ª Jornada Científica de Trabalhos Acadêmicos ASSESC.** Florianópolis - SC, 2003.
- CAMACHO, Alvaro Sicilia. **Las Actividades Físicas en la naturaleza en las Sociedades Occidentales de Fianal de Siglo.** Universidad de Almería, Espanha. Disponível em: <<http://www.efdeportes.com/efd14/postmod.htm>>. Acessado em 15 de fevereiro de 2005.
- CANZIANI, Maria de Lourdes. **Mídia e Deficiência: Manual de Estilo.** Brasília: CORDE, 1992.
- CARDOSO, Ivan Teixeira et. cols. **Circuito Aventura: O Esporte de Aventura ao Alcance de Todos.** Relato de experiência apresentado no V Congresso Brasileiro da Sociedade Brasileira Atividade Motora Adaptada. UFMG, 2003.

CARMO, Apolônio Abadio do. **A sociedade Brasil. Cria, “recupera” e discrimina.** Secretaria dos Desportos / PR. Brasília, 1991.

CARVALHO, Artur José Squarisi de. **Esportes na Natureza: Estratégias de Ensino do Canionismo para Pessoas com Deficiência Visual.** Dissertação - UNICAMP. Campinas, 2005.

CHRISTIANINI, Camila. **Arvorismo é a nova mania dos aventureiros.** 2002. Disponível em: <<http://www.zone.com.br>>. Acessado em: 26 de março de 2005.

CORREIA, L. M. **Alunos com Necessidades Educativas Especiais nas Classes Regulares.** Porto: Porto Editora, 1997.

DUPAS, Maria Angélica. **Pesquisando e Normalizando. Noções Básicas e Recomendações Úteis para a elaboração de Trabalhos Científicos.** São Carlos: EdUFSCar, 2002.

FEIXA, Carlos. **La aventura imaginaria. Una visión antropológica de las actividades físicas de aventura en la naturaleza.** Apunts: Educación física y deportes. Barcelona: 1995.

FERREIRA, Ana Isabel de Figueiredo. RODRIGUES, José Luiz. **Integração: um caminho de mão dupla.** SOBAMA – Revista da Sociedade Brasileira de Atividade Motora Adaptada. Vol.2, n.2. 1997.

FUSTER, Joan. ELIZALDE, Beatriz. **Riesgo y actividades físicas en el medio natural: un enfoque multidimensional.** Apunts: Educación física y deportes. Barcelona: 1995.

GOURLAY, Graeme (consultor). **O mergulho subaquático.** Lisboa, Portugal: Editorial Estampa, 2001.

Jogos Mundiais da Natureza. Disponível em: <<http://www.pr.gov.br/jmn/1edicao.html#7>>. Acessado em: 19 de março de 2005.

LACRUZI, nma Canales. PERICH, María Jesús. **Las emociones en la práctica de las actividades físicas en la naturaleza.** Espanha. Disponível em: <<http://www.efdeportes.com/efd23/emocnat.htm>>. Acessado em: 15 de fevereiro de 2005.

LIMA, Sonia Maria Toyoshima. SOUZA, Nágela Terezinha de. TREVISAN, Renato de Araújo. *Experiência Integrativa com o Voleibol: Apontamentos para o Educador.* In LIMA, Sonia Maria Toyoshima e DUARTE, Edison. **Atividades físicas para pessoas com necessidades especiais: experiências e intervenções pedagógicas.** Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 2003.

LIMA, Niusarete Margarida de. **Pessoas Portadoras de Deficiência: Legislação Federal Básica**. Brasília: Ministério da Justiça, Secretaria do Estado dos Direitos Humanos, 2001.

MONTEIRO, Sandoval Villaverde. **Modernidade, formas de subjetivação e amizade: potencialidades das experiências de lazer e aventura na natureza**. Tese (Doutorado) – Faculdade de Educação Física, UNICAMP. Campinas: 2003.

MUNSTER, Mey de Abreu. **Esportes na Natureza e Deficiência Visual: uma abordagem pedagógica**. Tese (Doutorado) – Faculdade de Educação Física, UNICAMP. Campinas: 2004.

OLIVEIRA FILHO, Ciro Winckler. *Atividade físico – esportiva para pessoas cegas e com baixa visão*. In DUARTE, Edison e LIMA, Sonia Maria Toyoshima. **Atividades físicas para pessoas com necessidades especiais: experiências e intervenções pedagógicas**. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 2003.

OMS. **International Classification of Impairments, Disabilities, and Handicaps (ICIDH)**. Genebra, 1980.

ONU. **Programa de Ação Mundial para as Pessoas Deficientes**, 1982.

PERAZONI, Vaneza Cauduro. FREITAS, Soraia Napoleão. **A Evolução do (Pre)conceito de Deficiência**. Cadernos, ed. 2000. N.º 16. Disponível em : <<http://www.ufsm.br/ce/revista/ceosp/2000/02/a2.htm>>. Acessado em 02 de abril de 2005.

SASSAKI, Romeu Kazumi. **Como chamar os que têm deficiência?** 2003. Disponível em: <<http://www.fraterbrasil.org.br/fraternidade.htm>>. Acesso em 17 de março de 2005.

SASSAKI, Romeu Kazumi. **Quantas Pessoas têm Deficiência?** 1998. Disponível em: http://www.educacaoonline.pro.br/art_quantas_pessoas_tem_deficiencia.asp. Acessado em 16 de março de 2005.

SILVA, Guilherme C. et. cols. **Canyoning**. Campinas, SP: Grade VI – Companhia de Aventura, [199_?]. Apostila.

SPINK, Mary Jane P. *Trópicos do discurso sobre risco: risco-aventura como metáfora na modernidade tardia*. **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro, 17(6):1277-1311, nov-dez, 2001.

THOMAS, Jerry R. NELSON, Jack K. **Métodos de Pesquisa em Atividade Física**. 3.ª ed. Porto Alegre: Artmed, 2002.

UVINHA, Ricardo Ricci. **Juventude, lazer e esportes radicais**. Barueri, SP: Manole, 2001.

VÁSQUEZ, Armando J. **Convivir com lãs diferencias.** Organización Panamericana de la Salud. Veneuela, 2005.

WINNICK, Joseph P. **Educação física e esportes adaptados.** Tradução de Fernando Augusto Lopez. Barueri, SP: Manole, 2004.

APÊNDICE 1 - Roteiro para as entrevistas.

- 1) Qual esporte na natureza que você já praticou?
- 2) Qual período praticou? Quais os motivos que o levaram a praticar?
- 3) Por que praticou? Fale sobre os benefícios.
- 4) Existem dificuldades? Em caso afirmativo, como superá-las?
- 5) É necessária alguma adaptação para a realização da prática?
Em caso afirmativo, qual?
- 6) Qual a frequência que praticou? Essa quantidade foi satisfatória? Por quê?

Deseja falar mais alguma coisa sobre o assunto?

(Espaço livre para falar sobre qualquer coisa pertinente à pesquisa).